

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DO SENTIDO: HISTÓRIA DO SENTIDO E DA TECNOLOGIA NA ESTEIRA DE JEAN-LUC NANCY¹

The Artificial Intelligence of Sense: The History of Sense and Technology After Jean-Luc Nancy

Inteligencia Artificial del Sentido: Historia del significado y de la tecnología según Jean-Luc Nancy

Erich Hörl²

Tradução: Soraya Guimarães Hoepfner³

DOI: doi.org/10.31501/esf.v2i30.15190

1.

Em sua observação filosófica do nosso século, Jean-Luc Nancy caracterizou nosso presente como um tempo de grande reviravolta na história do sentido. No ensaio de 1986, *L'oubli de la philosophie*, no qual ele desenvolve seu conceito de história do sentido, focando na formação clássica do sentido como uma era do sentido determinado, marcado, fixo, fechado, que teria se esgotado e sido exposto no século 20 (esse século de colapsos, declínios e derivas, enfim: da morte do sentido), ao mesmo tempo que teria sido trazido à cognoscibilidade. Não se trataria do sentido, mas apenas um certo sentido do sentido. Esse, por sua vez, teria surgido com o ser co-originário e co-extensivo do Ocidente e até então era considerado como o epítome do próprio sentido: a saber, a duradoura figuração e interpretação, a doxa, a imagem dogmática do sentido que concebe o sentido como

¹ Para Jean-Luc, pelo seu septuagésimo aniversário.

² Doutor, professor de Cultura e Filosofia da Mídia, Universidade de Leuphana, Lüneburg, Alemanha. Erich.hoerl@leuphana.de | <https://orcid.org/0009-0006-3304-0895>

³ Doutora em filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. soraya.hoepfner@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-9958-818X>

significado, "o sentido no sentido de 'significado' (isto é, o sentido mais comum da palavra 'sentido' na nossa língua e na filosofia)"⁴, como precisamente chamado. O fato de agora nos encontrarmos "inevitavelmente à mercê de uma outra história, que se abre diante de nós para além do sentido e cujo significado nunca pode consistir no retorno do 'sentido'"⁵, mas no estar à mercê do retraimento do sentido e nessa suspensão como sentido. Esse é o ponto de inflexão histórica do sentido que, segundo Nancy, marca a condição contemporânea como um todo". "A realidade dessa era", ele especifica, "está na cesura que deixou que a fenda aberta no sentido irrompesse por toda parte: na guerra mundial, no extermínio, na exploração e na fome, na técnica, na arte, na literatura e na filosofia".⁶

Na perspectiva histórica do sentido elaborada por Nancy, nota-se uma "preocupação com o sentido"⁷, tal qual essa se mostra no século 20, com toda a ênfase que tem na agenda filosófico-política, não como pergunta sobre a restituição ou o fim do sentido, mas como a "pergunta sobre o abrimento e abertura do sentido e sobre um outro 'sentido' do sentido"⁸. E, não obstante certas empreitadas programáticas da segunda metade do século, que ofensivamente se desfazem do sentido, o concebem apenas como um efeito, por exemplo, de materialidades da comunicação, o expulsam das ciências humanas e transpõem seu fim na constituição de novas políticas de discurso, bem como em arqueologias midiáticas, culturais, e científico-históricas, além de projetos autodescritivos, essas apenas

⁴ Nancy, J.-L. *L'oubli de la philosophie*. Paris: Ed. Galilée, 1986. p. 31.

⁵ Idem, p. 71.

⁶ Ibidem.

⁷ Nancy, J.L. *Une pensée finie*, Paris 1990, p.12.

⁸ Nancy, J.L. *L'Oubli de la philosophie*, p. 35.

reforçam, diante desse contexto, os sintomas de uma transformação histórica fundamental do sentido. Todos esses esforços pós-significativos também não conseguem se desvencilhar da história do sentido.

Até hoje o pensamento de Nancy é movido por um peculiar entusiasmo histórico do sentido. O conjunto do seu esforço em diagnosticar filosoficamente a “grande irrupção do sentido” (p. 51) é determinado por uma fascinação marcante pelo aberto e pelo exterior, e se desdobra ao mesmo tempo também como revisão e questionamento. Essa não deve ser concebida como uma fascinação qualquer, mas como marca do nosso momento histórico do sentido atual. Essa fascinação molda também seu projeto posterior de desconstrução do cristianismo, que consiste não somente no título programático “A declosão”, mas cujo horizonte é investigar “a essência do cristianismo como abrimento”, o cristianismo como “transcendental absoluto e absoluto transcendental do abrimento” de “toda configuração do abrimento” e do “sair de si mesmo”⁹. Nancy tem plena consciência da historicidade insondada dessa questão arqueológica, por si só poderosa, que realça todo o peso do problema do sentido. “Faz-se urgente, e isso caracteriza nosso tempo, que o Ocidente, ou o que resta dele, investigue seu próprio devir, se volte para a sua origem e o seu percurso, e questione o processo de desintegração do sentido no qual ele se encontra.”¹⁰

Se a respectiva nova descrição situacional do sentido, como Nancy tem sistematicamente perseguido desde a década de 1980, adquire sua profundidade histórica e pontuação historial com a questão transcendental do abrimento e do exterior, então ela já lançou uma infinidade de termos e

⁹ Nancy, J.-L.: *Deconstruction du Christianisme*. In: *Les Études philosophiques*. No. 4, Outubro/Dezembro 1998), Presses Universitaires de France. pp. 503-519.

¹⁰ Nancy, J.-L. *L'Oublie de la Philosophie*. p. 51.

categorias ao longo dos anos, que são em conjunto ecos, figurações ou cisões dos conceitos históricos do sentido epocais do aberto (*ouvert*), da abrição [*Eröffnung*], do abrimento [*Öffnung*], abertura [*Offenheit*] (*ouverture*) e do exterior (*dehors, extérieur*).¹¹ Não obstante, o que se deve questionar é: qual o transcendental histórico dessa fascinação pela abertura e pelo descerrar, bem como desse entusiasmo pelo ser fora de si e para fora, tão significativo desde Heidegger e especialmente na segunda metade do século 20, e que no pensamento e na política conceitual de Nancy urge de representação com uma força descomunal? Em que consiste o pensamento mais difícil de Nancy, um transcendental absoluto do abrimento, que ele, por sua vez, impulsiona e leva adiante? Será que há alguma razão para a origem e a fonte de evidência desse fascínio?

A fascinação pelo aberto e pelo exterior que pela primeira vez no século 20 irrompeu no seio de uma cultura de sentido do significado que sempre lhes foi tão hostil, deve-se sobretudo a razões históricas maquinais e objetais. Advindo de reviravoltas dramáticas na cultura das máquinas e dos objetos, o entusiasmo pelo aberto e pelo exterior elevou-se a um nível relevante para a história do sentido.¹² É o surgimento de "máquinas abertas" e "objetos abertos", ambos tão lucidamente notados pelo maquinólogo francês Gilbert Simondon, precisamente sob esses títulos, que estão destruindo a cultura tradicional do sentido, juntamente com seus registros ontológicos ancestrais e suas respectivas

¹¹ N.T.: É provável que no corpus da obra de Jean-Luc Nancy faça referência somente aos termos 'aberto' e 'abertura'. Preservou-se, no entanto, o léxico alemão de Hörl acrescido ainda de mais dois termos diferentes por meio dos sinônimos existentes na língua portuguesa 'abrimento' e 'abrição'. Para fins de transparência, as escolhas de tradução quando necessárias de serem explicitadas são indicadas ao longo do texto entre colchetes, além daquelas em parênteses do próprio autor.

¹² Giorgio Agamben em seu ensaio sobre o aberto não leva em consideração essa vertente histórica da questão, que não obstante é relevante para o funcionamento da sua chamada "máquina antropológica". Por fim, através das disrupções da histórico-maquinal e do objeto, mesmo através da cibernética, dá-se uma visível reconstelação da relação do humano com o não humano. Ver Agamben, G. O aberto: O humano e o animal. Tradução de Pedro Mendes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 2003.

relações de produção da economia do sentido. Diante de novos objetos tecnológicos e das relações objetais respectivamente modificadas, isso também traz à tona uma nova cultura do sentido, essa que agora é pós-significativa.

Simondon descreveu as transformações que, em contraste com o mundo fechado do significado, geram um mundo aberto de sentido de complementaridade, profeticidade e artefactualidade fundamentalmente inconclusivo, como uma mudança do objeto técnico do status minoritário para o majoritário. O objeto técnico não figura mais como uma ferramenta intrinsecamente sem sentido, um instrumento e um mero meio para um fim em prol do desempenho da produção de um sujeito já constituído como doador de sentido; um objeto isolado, menorizado, que se encontra no limiar da absurdez, e representa a porção condenada, o fora de sentido impossível. Esse objeto inferior aparece visivelmente no mais íntimo da cultura do sentido, abrindo e moldando um novo palco e um novo ambiente do sentido, que até então parecia apenas tratar-se de uma tarefa de interioridade e de um teatro de intencionalidades. O sentido não surge de um ato que cria sentido, mas se torna uma providência transcategorica; surge de práticas assignificantes de interação de pessoas, objetos e máquinas.

No final da década de 1950, com o seu conceito de "máquina aberta", Simondon já descrevia, ao menos na sua primeira tentativa, o contexto aberto de sentido do mundo metatécnico. "O conjunto de máquinas abertas", observa ele, "pressupõe o homem como organizador permanente e como intérprete vivo das máquinas nas suas interrelações"¹³, o humano aparece como um "organizador

¹³ Simondon, G. Do modo de existência dos objetos técnicos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

permanente de uma sociedade de objetos técnicos" que existe "entre as máquinas que operam em conjunto com ele"¹⁴. Numa pequena obra encontrada no seu espólio e que provavelmente foi escrita por volta de 1970, Simondon parece ter concebido ainda mais claramente o alvorecer de uma cultura de sentido em rede, assignificativa, operando anterior a qualquer significado, que emerge do regime dos novos objetos. Sob o título *Mentalidade técnica*, ele elabora:

Mas o essencial reside nisto: para que um objeto permita o desenvolvimento da mentalidade técnica e possa ser escolhido por ela, é preciso que ele próprio tenha estrutura reticular: se supusermos um objeto que, ao invés de fechado em si apresenta partes concebidas como o mais próximo possível da indestrutibilidade, e outras, ao contrário, nas quais se concentra a sutileza de adaptação a cada uso, ou o desgaste, ou a ruptura possível em caso de choque, de mau funcionamento, obtém-se um objeto aberto (*objet ouvert*), podendo ser completado, melhorado, mantido em estado de perpétua atualidade.¹⁵

O objeto aberto é, como precisamente Simondon justifica sua escolha pelo termo, "por necessidade, realidade de rede (*réalité de réseau*) bem antes de ser objeto separado (*objet séparé*)" (p.151). Em contraste com o "objeto fechado" (*objet fermé*) (p.154) da produção industrial e chamado de "objeto tecnológico pós-industrial" (p.154) ao estilo das esperanças cibernéticas do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, ele também deve ser entendido como uma "unidade de duas camadas de realidade":

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Simondon, G. *Mentalidade técnica*. Tradução de Américo Grisotto e Laura Brandini. In: *Filosofia e Educação*, Campinas, SP, v. 6, n. 3, p. 137–156, 2014. p. 154. Grifo do autor.

uma camada tão estável e permanente quanto for possível, que adere ao usuário e é construída para durar; uma camada podendo ser perpetuamente substituída, mudada, rejuvenescida, porque é feita com elementos semelhantes, impessoais, produzidos em grande número pela indústria e difundidos por todas as redes de troca. A participação na rede é o meio pelo qual o objeto técnico continua sempre contemporâneo de sua utilização, sempre novo. [...] O objeto não é somente estrutura, mas também regime. (p. 154-155)

Simondon conclui reconhecendo a "abertura" (*l'ouverture*) como "o sinal de uma mentalidade técnica perfeita", como aquela que determina tanto seus esquemas cognitivos quanto seus modos de afetividade e suas normas de ação. Afinal, "a realidade técnica", enfatiza ele, "é eminentemente suscetível de ser continuada, completada, aperfeiçoada, prolongada" (p.155), ou seja, ser principalmente suplementar, protética e aberta. Os objetos técnicos abertos, descritos por Simondon como portadores de uma lógica de suplementação e transcategorialidade, mostram-se transcendentais a um fascínio epocal pela abertura, que se sobrepõe a toda a cultura do sentido simultaneamente à disseminação em massa desses objetos técnicos, e também penetra em suas descrições filosóficas. A escalada filosófica da lógica do suplemento, bem como o retorno e, ao mesmo tempo, radicalização do pensamento protético, como pode ser observado no contexto dessa virada desde os anos 1960 aos dias atuais, talvez seja apenas uma forma de reação à agora irrefutável primazia da suplementaridade técnica. A mudança de sentido que Nancy descreve em termos dos meios de uma política filosófica do aberto e do exterior se mostra num deslocamento tecnológico de sentido nesse contexto.¹⁶

¹⁶ O conceito de deslocamento tecnológico de sentido foi elaborado por Erich Hörl de acordo, mas também em contraste com Husserl em: Hörl, E. Die technologische Sinnverschiebung. Über die Metamorphose des Sinns und die große Transformation der Maschine;. In: Lorenz Engell/Jiri Bystricky/Katerina Krtilova (Ed.): Medien denken. Von der Bewegung des Begriffs zu bewegten Bildern, Bielefeld 2010, pp.13–31. Sobre a "cognição transcategorica" que transforma epistemologicamente a abertura do objeto técnico, ver Simondon, G.: Mentalidade técnica, p.140.

Jacques Derrida chegou bem perto de inscrever a cesura tecnológica no pensamento de Nancy quando apontou em *Le toucher*, Jean-Luc Nancy, o léxico do Ex- no qual reside a especificidade e a exatidão da redescritção da questão do sentido em Nancy:

Se nos lembrarmos que o conceito de 'ex-crit', palavra formada ou forjada por Nancy, se encontra cada vez mais inscrita no coração, no foro mais íntimo dessa escrita pensante, restará se perguntar sobre o corpo e a força, sobre a pulsão (*pulsion*) compulsiva que põe essa sílaba, ex, em movimento e a mantém (*garde*) viva. Obviamente, será necessário configurar essa sílaba com todo um pensamento para-fora da ex-pulsão, ex-pressão, ex-creção - esse em que a própria sílaba condiciona o “sentido de mundo” - e também com esse pensamento do “excesso”, que empurra “inexoravelmente para fora” até o lançar [*jetter*] (ejetar, dejetar, objetar, abjetar) a subjetividade do ego na exterioridade. [...] Nancy enfatiza assim o traço, ou mais precisamente, o traçado (*tracé*) dessa exteriorização da exterioridade.”¹⁷ (p. 39-40).

A lista pode ser, sem dúvida, ampliada com outros termos do empurrar para fora, todos os quais garantem a consistência do pensamento da exterioridade em Nancy: "ex-ação", "ex-tração", "isenção", "expansão", "extensão", "partes ex-tra partes", "ex nihilo", e claro, sobretudo, não se pode esquecer de "existência" e "exposição", essa última provavelmente palavra-guia em Nancy. Certa vez, Nancy chegou a intitular "o ex- como o próprio".¹⁸ Mas, apesar de referências ocasionais, algumas delas extensas, ao importante papel da questão da técnica para a política conceitual e o esquema discursivo de Nancy, Derrida praticamente não considera o próprio poder da exteriorização e do estar fora de si mesmo, esse que torna o uso que Nancy faz do léxico ex- praticamente o imperativo da contemporaneidade, ou seja,

¹⁷ Derrida, J. *Le toucher*: Jean-Luc Nancy. Paris: Galilée, 2000. p. 39-40.

¹⁸ Nancy, J-L. *Our World*. An Interview, in: Angelaki 8 (2003).

a técnica. O próprio Derrida, quem definiu a técnica como o constitutivo fora do espaço ocidental de sentido, seguindo por sua vez explicitamente André Leroi-Gourhan, o grande paleoantropólogo da extensão artefactual, e seguindo um pensamento exteriorizante que se difundiu epidemiologicamente nas décadas de 1950 e 1960 como reação à cibernetização. Essa, contra a qual o discurso filosófico com todo o seu entusiasmo pelas figuras do interior, do próprio e do real, do estar em si mesmo e do estar em casa, do autêntico e do autóctone, originalmente com Platão e que desde então se reformula reiteradamente.

O próprio Derrida, quem enfatizou a tecnicidade e a exterioridade essenciais do sentido como núcleo de seu próprio esboço gramatical, vê no pensamento de Nancy dentre todas as coisas um impulso engendrado para repetir o primeiro expelimento [*Ausstoßung*], na verdade, a primeira expulsão, ou seja, o nascimento, para seguir compulsivamente o movimento de exteriorização nessa repetição e, assim, finalmente, projetar toda a consistência do seu pensamento a partir do léxico e como uma lógica de exteriorização.¹⁹ E ele mesmo não vê que a compulsão de Nancy por pensar tudo em termos de ex-, de formar incessantemente palavras e conceitos sobre ex-, e que ao fazê-lo praticamente disseca toda uma ontologia do ex-, uma exontologia, obedece num certo sentido apenas à lógica do momento histórico e cede ao poder da mudança tecnológica de sentido, que exterioriza radicalmente e, assim, torna a própria exteriorização uma questão de época.²⁰ Nancy talvez seja menos um pensador da

¹⁹ Ver Derrida: J. Le Toucher. A De la grammatologie (1967) de Derrida surgiu a partir de uma resenha de Le Geste et la Parole, obra seminal de Leroi-Gourhan, publicada na revista Critique em dezembro de 1965 e janeiro de 1966. Ver Stiegler, B. Derrida und die Technologie. In: Denken bis an die Grenzen der Maschine, Ed. Erich Hörl. Trad. Ksymena Wojtyczka, Erich Hörl. Zurique/Berlim 2009, p.127. pp.111–153.

²⁰ Voltarei em outro ponto a uma descrição densa do pensamento exteriorizante a partir da segunda metade do século 19. Sobre tudo, é importante focar na sedimentação do conceito de desconstrução e sua interpretação da atualidade cibernética nesta história, constitutiva de todo o projeto gramatológico.

expulsão e muito mais da exposição [*Exponierung*] e da exibição [*Exposition*]. Ou então se deve entender a exteriorização técnica por si só como uma questão organológica compulsiva e como uma questão de pulsão [*Trieb*]. De toda forma, o pensamento do ex- em Nancy retoma incessantemente aquele momento histórico de sentido em que, na tecnologização da forma de vida e na disseminação onipresente dos objetos tecnológicos, o exterior e o abrimento como tal se tornam problemáticos; emergem e aparecem, a existência se revela em grau inédito como ser-exposta. A exposição original do estar fora e do exterior não pode mais ser negada, e todo o nosso devir surge à luz dessa grande exibição, é ele próprio exposto, precisamente como e através da exposição e exibição original da tecnologia.

Nancy, por sua vez, não só nomeia, como veremos mais adiante, a técnica como agente central na história do sentido. Por um instante, ele até parece ter compreendido e descrito a situação contemporânea exclusivamente à luz da condição tecnológica. Em 1991, num texto informal que alguns anos depois suplementou uma das suas principais obras *De l'être sin-gulier pluriel*, ele parece ter vislumbrado na "ecotecnia" (*écotechnie*) a "última figura informe"²¹ da história do sentido, essa que está apenas a se aproximar. O "devir técnico do mundo" como um todo, que aponta para a ecotecnia como seu horizonte histórico impossível e pelo menos impensável com a ajuda de conceitos clássicos, para uma techné pura, liberta de toda "técnica", "economia" e "soberania", faz com que "a questão da técnica" enquanto tal transpareça pela primeira vez em toda a sua gravidade. Pois, segundo Nancy, essa se dá

²¹ Nancy, J-L. Der Preis des Friedens. Krieg, Recht, Souveränität – techné, in: Lettre International n. 14 (1991), pp.34-45, p.44.

somente quando a técnica é considerada como o acabamento do ser (*finition de l'être*) e não como um meio para qualquer outra finalidade (ciência, dominação, satisfação etc.). Consequentemente, como uma finalidade sui generis em si mesma. A técnica é uma "finalidade sem propósito" (isto é, sem uma finalidade externa, extrínseca), uma que talvez ainda esteja por ser descoberta. E nossa história nos expõe a tal descoberta, enquanto devir tecnológico do ser e do seu acabamento.²²

Ecotecnia é o nome que Nancy dá ao evento de deslocamento tecnológico de sentido, que liberta a técnica e sepulta todo um regime de sentido que não apenas a distorceu, mas se baseia sobretudo na negação da técnica, um evento de libertação tecnológica de sentido, que ainda está ele mesmo por se determinar: "Um dia se terá ciência da novidade [...] introduzida na nossa história. [...] Nada menos do que o adentrar no evento da ecotecnia, cujo sentido cabe a nós inventar, sentido esse que não corresponde nem ao conceito nem ao imediato."²³ Cerca de dez anos depois, Nancy dirá: "Nosso mundo é o mundo da 'técnica', o mundo no qual o cosmos, a natureza, os deuses, o sistema completo em sua mais íntima combinação é exposto como 'técnica': mundo da ecotécnica"²⁴. Entremeios, surge na obra de Nancy o sentido ecotécnico.

2.

Há uma urgência do técnico no texto de Nancy. E essa é premente. Visto que permanecem não suficientemente esclarecidos, tanto o lugar histórico-sistemático no qual se situa hoje o problema da

²² Idem. p. 38.

²³ Ibidem. p. 45. Esta passagem só pode ser encontrada no segundo posfácio da edição alemã.

²⁴ Nancy, J-L. Corpus. Tradução de Tomás Maia. Passagens, p.43.

técnica, quanto questionamentos tais como o efeito do devir tecnológico, a determinação mais profunda dessa urgência para além de qualquer interesse puramente filológico em Nancy é de importância diagnóstica.

Primeiro, ela se anuncia em *Une pensée finie*, onde Nancy busca esclarecer a nova situação histórica de sentido no âmbito de um pensamento da finitude, e onde o existir se deixa compreender maximamente como um ser-sem: sem essência, sem sentido, sem fundamento, sem finalidade, sem limite, sem modelo, sem regra etc. Precisamente esse "sem" é o emblema da finitude radical em sua proximidade perturbante com ontologias e antropologias da falta [*manque*], que abordaremos mais adiante – deve ser ele mesmo a abertura como sentido. Em total correspondência com a situação histórica, determinada pelo recuo mediante a condição tecnológica, esse abrimento original do "sem" marca, sobretudo, o lugar ontológico da técnica, pensado como suplementação e suplemento de nada, e dessa forma avança para se tornar a operação existencial decisiva e a única correspondência possível de um sentido fundamentalmente finito:

'A' técnica nada mais é do que a 'técnica' de suprir, substituir e complementar uma não-imanência da existência no dado [*Gebenen*]. Seu funcionamento é a operação da existência daquilo que não é pura imanência. Ela tem início o mais tardar com a primeira ferramenta, pois não é tão fácil encontrar uma demarcação simples e clara de cada "técnica" animal, até mesmo vegetal. O 'nexo' das técnicas é a própria existência. Na medida em que seu ser não é, mas sim o abrimento de sua finitude, a existência é técnica em toda a sua extensão. A existência não é em nada diferente da técnica, mas "a" técnica também não é a técnica da existência: Ela é a tecnicidade "essencial" da existência como sem essência (*sans-essence*) e como suplência do ser (*suppléance d'être*). 'A técnica' –

desta vez entendida como essa tecnicidade essencial e ao mesmo tempo como uma multiplicidade irreduzível de técnicas – substitui a ausência de nada, ela fornece e complementa nada.”²⁵

Diante da condição tecnológica e da mudança de sentido que ela implementa, entende-se agora contra certo afetamento antitécnico do discurso filosófico, mas especialmente contra a fenomenologia do sentido vastamente tecnofóbica, e também contra Heidegger, que "habitar" a técnica nada mais significa do que "habitar a finitude do sentido" (p.46). A dominância da técnica, ou como se queira chamar o ser em circunstâncias tecnológicas, "desmonta, desorienta incessantemente a retroalimentação infinita de um único sentido" (p.47). Quando o sentido do ser passa a dever ser sentido técnico, o que resta a compreender é o que significa exatamente o sentido técnico e em que consiste a tecnicidade do sentido.

O existencialismo peculiar de Nancy é cada vez mais o de uma existência técnica, que se mostra tanto como pensamento quanto como sintoma da tecnicização. A questão da técnica, que não cessa de perpassar a obra de Nancy, torna-se o problema-chave de uma ontologia e estética da exibição, que concebe a existência como exibição, sobretudo como exibição técnica. É assim que em *As Musas* o novo sentido estético é avaliado, quanto mais ele impera num mundo agora inevitavelmente técnico. Nele, a técnica se mostra, em princípio, como "ser-fora-de-si" e como "exposição à falta de fundamento e à absurdez",²⁶ como "deserdamento da origem e da finalidade" e como "privação de fundamento".

²⁵ Nancy, J-L. Une pensée finie, p. 44.

²⁶ Nancy, J-L. Les Muses. Paris: Editions Galilée, 2011. p. 45. Um novo lidar da relação entre arte e técnica e o vir à tona da tecnicidade da arte foi observado por Donald A. Landes. Le Toucher and Corpus of Tact: Exploring Touch and Technicity with Jacques Derrida and Jean-Luc Nancy, in: L'Esprit Créateur 47 (2007), pp.80–92.

Assim, ela é também o que historicamente abre caminho para o surgimento da "arte-como-técnica" (p.44) e, em última instância, exige um novo lidar da relação entre arte e técnica, que marca a tecnicidade essencial da arte e a arte como técnica. Se, como se fala agora, "as artes são sobretudo técnicas" (p.43), é porque nelas a "exibição da existência" (p.41) se dá no sentido mais radical. "Talvez a arte, as artes", diz Nancy, "nada mais são do que uma técnica em segundo grau, um segundo estágio da exposição à falta de fundamento ou à técnica do próprio fundamento " (p.45). A arte torna-se sobretudo um meio de "exterioridade e exposição ao ser-no-mundo, através do qual ela capta, delimita e representa esse ser exterior e ser exposto enquanto forma como tal" (p.33). Ela não tem "nada a ver com o 'mundo' estendido no sentido de simples exterioridade, mundo ao redor ou natureza. Ela diz respeito ao ser-no-mundo e ao momento do seu surgimento" (p.33). A arte "expõe" (p.55) que o mundo não é dado e não apenas aparece. A arte nada mais é do que "a techné da existência" (p.61).

No âmbito de uma ontoestética da exposição, o desenho e o esboço ocupam um lugar histórico e sistematicamente altamente relevante. Em um pequeno texto sobre pintura rupestre, o "abrimento, o aberto de um espaço através do qual o homem vem ao mundo, através do qual o próprio mundo se torna um mundo" (p.110) é abordado através do desenho. Anterior à toda divisão de arte e técnica, ao mais primitivo gesto do rascunho sem fundamento e à exteriorização original na forma do desenho, "o impossível fora do mundo aparece em toda a sua impossibilidade" (p.118).²⁷ O desenho é considerado como o rascunho original, a projeção original do mundo, como sua aparência original, ele mostra até a tecnicidade original do aparecer. É o traço primordial e o caminho primordial da formação de mundo em

²⁷ Nancy explorou a questão do desenho e do rascunho em: *Le plaisir au dessin*, Paris 2007.

geral. O desenho na parede, como chamado, interrompe "a continuidade do ser" (p.114), desenha marcações no ser, o corta e o codifica. É a primeira espacialização do sentido, que desde sempre diferenciou todo imediatismo, é a excrção originária. A interrupção do continuum do ser, que Nancy situa no início da história e como entrada na história e no mundo do sentido, introduz justamente a definição de tecnicidade dada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, mas também por Bernard Stiegler nas suas observações da situação técnico-medial do presente. Eles compreendem a assinatura do machismo ou do técnico como codificação dos fluxos do ser ou como a gramatização do fluir.²⁸ Nos primórdios da formação de mundo, Nancy encontra o maquinismo generalizado e a tecnicidade generalizada que caracterizam as formas contemporâneas de formação de mundo sob condições tecnológicas.

O movimento epocal, que se torna visível por trás da onto-estética da exposição de Nancy e que informa toda a sua política filosófica, é descrito nitidamente em *Le Sens du Monde* como uma mudança tecnológica de significado. Se a questão e o problema da inoperância [*désœuvrement*] são mostrados como a figura central histórica de sentido da era tecnológica, então, um duplo sentido de técnica surge ao mesmo tempo nas entrelinhas, a saber, um sentido limitado e um sentido geral, que regula a historicidade do sentido como um todo: Enquanto o sentido limitado da técnica pertence ao mundo tradicional do significado, da produção e da obra, e molda a correspondente imagem dogmática da técnica como instrumento, o sentido geral da técnica, que é tratado sob o título de "ecotecnia", escapa ao âmbito do "cerramento do significado", "para dar origem a um sentido que é

²⁸ Sobre a conexão entre gramatização e exteriorização, ver Bernard Stiegler: *Pour une nouvelle critique de l'économie politique*, Paris 2009, pp.43-63.

necessariamente inaudito".²⁹ Aqui é principalmente a técnica que quebra a ordem trinitária de sentido, produção e obra, pois domina igualmente o regime tradicional de sentido limitado e a imagem dogmática correspondente da técnica e, ao mesmo tempo, conduz o sentido da técnica enquanto tal, para fora dessa ordem do sentido.

Em outras palavras, na inoperância técnica do sentido, a técnica e o sentido da técnica ele mesmo são primeiramente desoperados. O duplo sentido da técnica esquematiza a questão do sentido. Seu reaparecimento, o abrimento e reabertura do sentido, seu novo lidar, se dá justamente na transição da primeira para a segunda técnica, como diria Benjamin, ou na passagem da técnica para a tecnologia. A exterioridade e alienação da "exteriorização necessária de um ser-para", tal como determina nosso estado de sentido, parece ser, em princípio, a exterioridade e alienação da técnica enquanto tal, da *techné* pura e liberada, cujas operações simplesmente não estão mais sujeitas ao antigo regime de sentido, produção e obra. Se experienciarmos o acabamento e o findar de certa formação de sentido e, ao mesmo tempo, o abrimento de outra ordem de sentido, a emergência do sentido acima de todo o sentido, a ascensão e o aparecimento do mundo como tal, então essa transformação profunda cultural de sentido, em última instância, ontológica pode ser diretamente atribuída à violência da inoperância tecnológica. A partir de agora, essa é a consequência das considerações de Nancy: o mundo seria sempre um mundo técnico e inevitavelmente técnico. Nenhuma construção de mundo poderia acontecer antes da técnica e sem a técnica. O aparecimento do mundo sempre seria um aparecer técnico, de modo que o mundo não simplesmente aparece, mas

²⁹ Nancy, J-L. Le sens du monde. Paris, 1993, p.161.

seria essencialmente aparelhado, seria o próprio aparecer - esse, desde Husserl a Jan Patocka, indubitavelmente um conceito de disputa fenomenológica antitécnico – inevitavelmente afetado tecnicamente.³⁰

A passagem a seguir deixa claro que o sentido de mundo é tecnicamente inoperado mediante a condição tecnológica e é cada vez mais uma questão de tecnicidade inoperante:

O mundo da técnica, o mundo tecnificado, não é a natureza exposta à pilhagem e à violação. [...] É o mundo devindo mundo, ou seja, nem 'natureza', nem 'universo', nem 'terra'. 'Natureza', 'universo', 'terra' são os nomes de determinados conjuntos ou totalidades e de significados controlados, domesticados, adequados. Mundo é o nome de uma junção (*assemblage*) ou de uma ser-junto (*être-ensemble*) que pertence a uma arte (*art*) – uma *techné* – e cujo sentido é idêntico ao exercício dessa arte. [...] Assim, um mundo é sempre uma 'criação' [*création*]: uma *techné* sem princípio, nem finalidade, nem substância fora de si mesmo. Dessa forma, o sentido de mundo fora do conhecimento, sentido fora da obra, sentido fora do invólucro da presença [*Präsenz*], é muito mais a inoperância do sentido, ou o sentido que advém a cada sentido – pode se tentar dizer: a inteligência artificial do sentido, essa compreendida e apreendida pela arte e como arte, ou seja, *techné*, aquilo que espacializa e diferencia a *physis* até as fronteiras do mundo.³¹

A nova imagem do mundo como "junção", "ser-junto" e "criação" no sentido mais incisivo é a nova formulação de sentido, tal como ocorre sob as condições tecnológicas de máquinas abertas e objetos abertos. Nancy traz tão somente, com todas as enormes dificuldades que essa mudança de regime de sentido traz ao pensamento, as políticas e linguagens filosóficas tradicionais para a atitude

³⁰ Ver Tyradellis, D. Untiefen. Husserls Begriffsebene zwischen Formalismus und Lebenswelt. Würzburg, 2006.

³¹ Nancy, J.L. Le sens du monde. p.66.

teórica. Assim, a técnica ela mesma, uma vez que transformada em tecnologia, deve ser pensada "de uma maneira completamente diferente", "como a infinitização da 'produção' e da 'obra', ou "como agora se torna explícito "como 'inoperância'".³² A inoperância como tal surge como efeito da técnica. Essa é apenas uma questão e figura de base superficialmente poetológica que molda uma das soluções centrais de representação da nossa nova posição histórica de sentido e também molda tão decisivamente o pensamento que se segue a Heidegger e especialmente a Blanchot, Nancy e Derrida.³³ Pois assim como a técnica irrita e desloca incessantemente todo "acabamento e finalização de uma 'obra'", a tecnificação também é por sua vez "inoperada"³⁴. O pensamento da inoperância é uma figura central de sentido na era da tecnologia.

Em suma, em *La création du monde*, a técnica ganha a posição histórica de sentido mais incisiva que se pode imaginar. No início e como início da história do sentido, repete-se agora o que Nancy observou incessantemente como crise e como fim de sentido que se dá através do deslocamento tecnológico de sentido. Abertura como abrimento, nomeados por Simondon como sinais da mentalidade, aparecem sobretudo como as marcas de um vir-ao-mundo cada vez mais técnico. A técnica agora abre o mundo do sentido enquanto tal, ela representa o deslocamento de sentido da hominização inicial e originária, que primeiro nos permite adentrar o sentido e, assim, explicitamente torna-se sempre um deslocamento de sentido tecnológico que marca assim e sobretudo a condição da

³² Idem, p. 154.

³³ Sobre a questão poetológica da inoperância, que com Nancy é naturalmente transformada tecnologicamente, ver Andreas Gelhard: Das Denken des Unmöglichen. Sprache, Tod und Inspiration in den Schriften Maurice Blanchots. Munique, 2005, p.191–212.

³⁴ Nancy, J.L. Les Muses, p. 47.

filosofia. Pois a "abertura de sentido inaudita" que se supõe ocorrer na abstenção, retraimento e subtração dos deuses e no instante do nascimento da filosofia, segundo Nancy, remonta à força de subtração inaudita que cabe apenas à técnica:

Essa força [de subtração] é em todos os aspectos a da técnica. Por trás do que se tornará tecnologia num sentido muito específico ainda a ser trabalhado, há um conjunto de técnicas como a da metalurgia e a do comércio (seja no aspecto contábil ou no transporte marítimo), bem como na escrita e no urbanismo. Com esse momento da história da técnica, algo como um limiar está sendo ultrapassado. Um movimento contemporâneo ao homem – a técnica simplesmente como hominização, *homo faber* como produtor ou projetista do *homo sapiens*, técnico de si mesmo, um autotécnico – um movimento que desde o início se dá como uma subtração ou um esvaziamento.³⁵

A "irrupção inaugural do Ocidente" com suas quatro condições – a saber, como Badiou define, política, ciência, amor e arte – a entrada na "ausência" [*l'ab-sense*] ocidental³⁶, a "fuga de sentido" primeva, que é sempre apenas sustentada e mascarada pela metafísica do sentido, é aqui claramente atribuída à "desnaturação do humano" (p.108) pela técnica como sua pré-condicionante essencial. Essa tecnicidade do sentido originária, que é a grande revelação da narrativa histórica de sentido de Nancy, é primeiramente mascarada pela elaboração metafísica de significado-significante, que por si só estabelece e faz circular a oposição de sentido e técnica como a diferença que norteia toda a cultura do sentido. Em Nancy, a técnica surge como o evento desnaturante por excelência, que antes de tudo liberta o sentido como tal. Sem a técnica, não teria sido possível nenhuma entrada na ordem do sentido

³⁵ Nancy, J.-L.: Die Schöpfung als Denaturierung. Metaphysische Technologie. In: Die Erschaffung der Welt oder die Globalisierung, Tradução de Annette Hoffmann, Zürich/Berlin 2003, p.89–114, pp.107.

³⁶ Nancy, J.L. Création du monde: ou la mondialisation. Paris: Galilée, 2002, p. 105.

e nenhum sentido do ser. Nancy chega a chamá-la de "arquitécnica", o "abrimento de um espaço vazio no qual a infinita 'criação' de mundo ocorre (renovada)" (p.113). "O evento da técnica", conclui ele, "teria um significado que não seria nem indicativo, nem significativo" (ibidem). Ele abre o que torna possível a existência como exibição pura, sem princípio, sem determinação, sem finalidade, rasga o espaço em que "a existência se expõe na medida em que lhe falta sentido e a partir dessa falta, ela mesma faz a sua verdade" (p.114).

3.

Cristianismo e técnica, como enfatizado por Hans Blumenberg, estão intimamente ligados na questão da criação. É precisamente nessa ligação que eles representam figuras centrais na história ocidental do sentido. De acordo com Blumenberg, o cristianismo finalmente começou a perfilar a ideia de criação enquanto tal em toda a sua radicalidade, como forma de defesa platônica contra um pensamento da criação absoluta, sem precedentes. Assim, preparou a compreensão do ser do homem criativo, tal qual esta é indispensável para a compreensão ontológica do "mundo técnico vindouro".³⁷ Nesse contexto, a desconstrução do cristianismo por Nancy representa apenas a consequência última da sua elaboração sobre o deslocamento tecnológico de sentido e opera precisamente na dobra do sentido ocidental que marca o problema da criação. A reformulação da questão da criação a partir do espírito de exteriorização, agora empreendida por Nancy, surge como uma das grandes arenas do novo

³⁷ Nancy, J-L. Desconstrucion du christianisme, p..143.

pensamento do sentido, que se encontra no ápice da situação tecnológica e é indispensável para sua compreensão. À luz de um novo tratamento dado à questão da criação, contornam-se os princípios básicos de uma nova ontologia, a ontotecnologia, como se poderia chamar, que, segundo o longo primado da ontoteologia, corresponde aos atuais processos de formação de mundo e de sentido.

O pensamento ontotecnológico centra-se na figura e no problema da inoperância. Sob essa perspectiva, a criação não representa mais uma obra, perde toda a operatividade, não há mais produção, nada acontece senão a "exposição" e "exteriorização" (*la mise-hors-de-soi*)³⁸, pura, ou seja, a exteriorização e exibição puramente técnicas. A questão da criação, dessa forma atualizada, constitui, como já foi dito explicitamente, o "nó" de uma "desconstrução do monoteísmo", ela é até mesmo sua "força motriz mais ativa" (p.81). O ponto central da questão da criação e o seu horizonte – e isso é fundamental para o programa ontotecnológico que permeia os textos mais recentes de Nancy – é a "*creatio ex nihilo*". Exatamente isso é enfatizado, "na medida em que claramente se destaca de qualquer forma de produção ou fabricação", e "ex nihilo significa dismantelar todos os princípios, inclusive o do nada. Isso significa que nada (*rien, rem*, a coisa) deve se esvaziar de qualquer princípio: isso é a criação."³⁹ Na transição de um conceito de criação para outro, na transição de uma concepção produtiva, instrumentalista e operativa para uma concepção inoperante, kenológica, que também pode-se dizer kenogramática⁴⁰, da criação como meros abrigo e esvaziamento, como identificado por

³⁸ Ver Blumenberg, H. *Nachahmung der Natur Zur Vorgeschichte der Idee des schöpferischen Menschen* (1957). In: *Wirklichkeiten, in denen wir leben*, Stuttgart 1996, p.55–103, pp. 60.

³⁹ Idem, p. 41

⁴⁰ N.E. Sobre os conceitos de kenologia, kenogramática, ver a obra de Gottard Gunther sobre Ciberfilosofia, por sua vez provavelmente inspirados no trabalho seminal do matemático Arthur Cayley (1821-1896).

Nancy, emerge no cristianismo nada mais do que o deslocamento tecnológico de sentido, ao qual o pensamento de sentido de Nancy reage continuamente, até mesmo sob o título de uma desconstrução do cristianismo. Na transformação da técnica em tecnologia, perde-se todo o sentido limitado instrumental, o sentido ferramental e operativo da técnica, como ele inversamente, pode-se dizer, caracteriza e modela o conceito até então dogmático de criação. O extrato da concepção tradicional, fixada na obra e na produção que também se evidencia no novo pensamento da criação, como esboçado por Nancy, é implementado principalmente por meio de complexos acoplamentos homem-máquina-objeto impensáveis nos registros da razão instrumental: através das conjunturas vicinais de seres humanos, máquinas e objetos tecnológicos, que moldam um novo sentido de atividade, o conceito tradicional de criação acaba sendo desconstruído. A ideia de uma criação sem obra e sem criador é introduzida, em outras palavras: a ideia de um devir criativo, no qual o conceito de criação enquanto tal é finalmente perdido. O deslocamento tecnológico de sentido nos permite adentrar em um mundo de composições e conjunturas de efeito e agências para além da obra, da produção e da fabricação. Ele permite que a inoperância se torne o evento fundante do nosso modo de ser, nascido da interminável operação técnica. Desse modo, surge uma nova situação ontológica, que Nancy acaba por registrar como um sentido deslocado da criação: "Da criação como resultado de uma ação completa e divina, passa-se à criação como atividade e, por fim, como atividade incessante deste mundo em sua singularidade."⁴¹ (p. 71)

⁴¹ Nancy, J-L. La création du monde, p. 71.

O tradicional "modelo ontológico de produção a partir de uma causa e segundo uma determinada finalidade" (p.77), que se reflete no conceito tradicional de criação, vai sendo substituído sob condicionantes tecnológicas e de acordo com a "mentalidade técnica" predominante da qual falava Simondon. O próprio desenvolvimento tecnológico da técnica desintegra essa ideia em última instância mecânica de criação, que guarda um sentido limitado do técnico. Em vez disso, como enfatiza Nancy, surge o "não-modelo ou sem modelo de um ser sem o dado", que produz "seu incomensurável real" (p.77). A subtração de todo o dado, a falta de fundamento, a falta de finalidade e a transição para o mundo criativo do ser transitivo, são justamente as características fundamentais da grande cesura histórica de sentido, iniciada com o deslocamento *Deplatzierung* tecnológico, que Nancy descreve incessantemente.

A visão de que a tecnificação tornou necessária uma completa redefinição ontológica, que poderia revelar a questão da criação como uma das grandes e ressurgentes questões do mundo contemporâneo e da formação de sentido, sem dúvida se tornou profundamente arraigada no programa de pensamento de Nancy. No entanto, é justamente a questão da *creatio ex nihilo* que Nancy tanto enfatiza que vale para o pensamento de Nancyniano e não apenas para esse ponto altamente precário de transgressão: e é precisamente nesse ponto que o novo pensamento do devir criativo rompe com qualquer fascínio pela falta.

A falta é, sem dúvida, um dos grandes significantes culturais da negatividade, que circulou incessantemente no âmbito da cultura tradicional do significado e da representação e regulou as relações objetais, especialmente com os objetos técnicos. Em última instância, no entanto, também

com os sujeitos, demonstrou uma constante falta de sentido e de ser, moldou uma compreensão fundamental do ser e das relações de mundo sob o signo da falta e, assim, governou o regime de produção e da obra. A falta é, provavelmente, o significante de uma formação sobretudo minimizante dos objetos técnicos e da tecnicidade em geral, em cujo espírito o Ocidente por muito tempo determinou como o lugar e o uso da questão técnico-midiática. No entanto, a transição da técnica para a tecnologia e a consequente transformação da cultura de sentido, que nos lança em um mundo do devir técnico, exige justamente suspender toda a ontologia da falta, como narrado por Platão em Protágoras e especialmente desde o final do século 19 – desde Ernst Kapp e Henri Bergson a Sigmund Freud, Arnold Gehlen, Günther Anders, Teilhard de Chardin a Marshall McLuhan, André Leroi-Gourhan e Gotthard Günther: repetidas tecno-odisséias neg-antropológicas e neg-ontológicas, reiteradamente utilizadas para decifrar e interpretar o ser técnico, esse que pressupõe o ser humano como um ser em déficit e entende toda artefacticidade como compensação protética e como uma questão de organologia suplementar.⁴² Hoje, através da tecnologia e das novas relações objetais, objetos tecnológicos inaugurantes em um mundo de devir tecnológico radicalizado, chegamos talvez no limiar mais externo de uma história da falta, onde à falta já não falta nada, não falta mais essência, finalidade, determinação, fundamento, e a falta se tornou falta de nada. Onde a grande figura cultural de sentido e o brasão da negatividade, representado pela falta são finalmente deixados completamente ao abandono, e se muito só podem provocar confusões de leitura. Afinal, estamos hoje exatamente onde ser e falta parecem não mais pertencer inevitavelmente juntos, onde essa evidência constitutiva para o

⁴² Sobre a narrativa originária de Platão da teoria da falta, ver Bernard Stiegler: *La technique et le temps*. 1. *La faute de Prometheus*. Paris: Fayard, 2018.

Ocidente, perde seu poder de persuasão; o fascínio pela falta começa a perder seu encanto e começa a ser pensado para além da falta? Não é exatamente esta a exigência decisiva da nossa nova situação histórica de sentido, essa que é consequência de uma tecnologia criacionista que transcende toda a falta, ou seja, que todo o regime cultural de sentido da falta, juntamente com as suas variáveis centrais como essência, finalidade, determinação, fundamento, que sempre e incessantemente faltavam, já não determinam as nossas autodefinições?⁴³ Acima de tudo, não mais nossas definições de mídias e tecnologias, como parece ser o caso no caso do conceito complementar e protético de técnica de Nancy?

O pensamento de Nancy, que lida com as principais afirmações de sua teoria da exposição – afirmações como "Existir é ser na falta de sentido" (*exister: être en manque de sens*) ou "faltar sentido, isso quer dizer não faltar nada" (*manquer du sens, c'est ne manquer de rien*)⁴⁴, em que essa falta de sentido seria justamente o sentido etc. No limiar mais exterior do fascínio ocidental pela falta, parece estar estranhamente oscilante nessa questão ontológica e histórica de sentido, duplamente decisiva sobre a falta. De qualquer forma, não parece que ele está disposto a ir aos extremos. Em nenhum outro lugar isso está mais evidente do que na sua relação com Deleuze, cuja tentativa de destruir a ontologia da falta, de sair da história da falta, de pensar plenamente para além da falta, de querer ser tudo menos

⁴³ No breve, mas importante, ensaio de Nancy intitulado *Manque de rien* (in: *Lacan et les philosophes*, Paris 1991, pp.201-206), surge nas entrelinhas o pensamento marcante de que nossa época deve ser entendida sobretudo como uma transformação da falta – como uma virada da falta de algo, da falta de essência, para a "falta de nada" (*manque de rien*). Nele, Nancy parece insinuar que uma história ou historicidade da falta atravessa a Ocidentalidade e lhe pertence. É para nós que essa historicidade se mostra e cabe a nós escrever uma história do fascínio pela falta. Sobre a questão da falta de nada, na qual se baseia em última instância toda a compreensão protética da técnica por Nancy, ver também *Une pensée finie*, p. 24.

⁴⁴ Nancy, J-L. *Une pensée finie*, p. 25.

um padre da castração, por muito tempo irritou Nancy. Em vez da "simples abundância do caos" a que Deleuze parecia se entregar, ele prefere as vias cravejadas pela "falta de si do ser" (*le manque-à-soi de l'être*). E ele prossegue: "De minha parte, não entendo como se pode escapar dessa cova (da morte e do tempo, do gênesis e do fim)."⁴⁵ Pode-se perguntar: o pensamento de Nancy sobre a finitude ainda pertence à ontologia da falta, embora sem dúvida como uma tentativa de subvertê-la? Será mesmo precisamente a questão da falta que, em última instância, liga o seu pensamento ao cristianismo, que historicamente tem circulado figuras centrais da falta através de termos como transgressão, culpa e pecado, e, deste modo, ainda coloca o próprio esforço de leitura de Nancy sob o feitiço de um certo fascínio pela falta? Por fim, difícil ousar pensar, são as próprias figuras da suplementaridade e da proteticidade originária e necessária – essas figuras do fora, do abrimento e do aberto, como as encontramos não só em Nancy, mas também em Derrida, e especialmente no pensamento da falha (*défaut*) de Bernard Stiegler e que, sem dúvida, conectam essas três desconstruções do técnico-medial entre si. Talvez ainda sejam figuras e inscrições da ontologia da falta; será que poderiam também operar na sua fronteira mais extrema? É possível que o pensamento do fora, do retraimento e do aberto, que através do teorema da exteriorização radicalizado pela desconstrução, de certa forma represente uma expressão ou eco final dessa poderosa ontologia que agora deveria ser destruída?

Isso mostra toda a explosividade filosófico-política da nossa constelação histórica de sentido. O quase-transcendentalismo e o pensamento da imanência, que talvez tenham sua diferença mais

⁴⁵ Nancy, J.-L. Deleuzes Falte des Denkens. In: Jean-Luc Nancy; René Schérer: Ouvertüren: Texte zu Gilles Deleuze. Tradução de Christoph Dittrich, Zürich/Berlin 2008: p.81–91. pp.89.

extrema na atitude diante da questão da falta, personificam duas estratégias de política de sentido que hoje, sob as condições de transformação tecnológica do sentido, lutam entre si para interpretar a situação e determinar o novo sentido do sentido. A questão é se o pensamento quase transcendental do abrimento, da abrigação e do descerramento, todo o fascínio pela abertura, na medida em que se desdobra hoje e há mais de meio século como pensamento da exterioridade e da complementaridade, ainda representa uma figura, mesmo que seja uma figura de subversão da ontologia da falta, e se o pensamento e o tempo da tecnologia não exigem de nós, em última instância, essa despedida.

Referências

- Agamben, G. O (2017). *O aberto: O humano e o animal*. Tradução de Pedro Mendes. 2ª ed. Civilização Brasileira.
- Blumenberg, H. (1996). Nachahmung der Natur Zur Vorgeschichte der Idee des schöpferischen Menschen. In: *Wirklichkeiten, in denen wir leben*, Stuttgart. p.55–103.
- Derrida, J. (2000). *Le toucher: Jean-Luc Nancy*. Ed. Galilée, 2000.
- Hörl, E. (2010). Die technologische Sinnverschiebung. Über die Metamorphose des Sinns und die große Transformation der Maschine. In: Lorenz Engell/Jiri Bystricky/Katerina Krtilova (Ed.): *Medien denken. Von der Bewegung des Begriffs zu bewegten Bildern*, Bielefeld, 13–31.
- Gelhard, A. (2005). *Das Denken des Unmöglichen: Sprache, Tod und Inspiration in den Schriften Maurice Blanchots*. Fink Verlag.
- Nancy, J-L. (2000). *Corpus*. Tradução de Tomás Maia. Passagens.
- Nancy, J.L. (2002). *Creation du monde: ou la mondialization*. Ed. Galilée.
- Nancy, J-L. (1986). *L'oublié de la philosophie*. Ed. Galilée.

Nancy, J-L. (1998). Deconstruction du Christianisme. *Les Études philosophiques*. 4 (Outubro/Dezembro), 503-519.

Nancy, J-L. (2008). Deleuzes Falte des Denkens. In: Nancy, J.L.; Schérer, R. Ouvertüren. Texte zu Gilles Deleuze. Tradução de Christoph Dittrich, p.81–91.

Nancy, J-L. (1991). Der Preis des Friedens. Krieg, Recht, Souveränität – techné. Revista *Lettre Internationale* . N. 14.

Nancy, J-L. (2003). Die Schöpfung als Denaturierung. Metaphysische Technologie. In: Die Erschaffung der Welt oder die Globalisierung, Tradução de Annette Hoffmann., p.89–114. Diaphanes.

Nancy, J-L. (2011). *Les Muses*. Editions Galilée.

Nancy, J-L. (2007). *Le plaisir au dessin*, Ed. Galilée.

Nancy, J-L. (1993). *Le sens du monde*. Ed. Galilée.

Nancy, J-L. (1991). Manque de rien. In: *Lacan et les philosophes*. Ed. Galilée.

Nancy, J-L. (2003). Our World. An Interview. *Angelaki* 8.

Landes, D. A. (2007). Le Toucher and Corpus of Tact: Exploring Touch and Technicity with Jacques Derrida and Jean-Luc Nancy, in: *L'Esprit Créateur* 47, pp.80–92.

Simondon, G. (2020). *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Tradução de Vera Ribeiro, Contraponto,

Simondon, G. (2014). Mentalidade técnica. Tradução de Américo Grisotto e Laura Brandini. Revista *Filosofia e Educação*, Campinas, v. 6, n. 3, p. 137–156.

Stiegler, B. (2009). Derrida und die Technologie. In: Denken bis an die Grenzen der Maschine, Ed. Erich Hörl. Tradução de Ksymena Wojtyczka e Erich Hörl. Diaphanes.

Stiegler, B. (2009). *Pour une nouvelle critique de l'économie politique*. Ed. Galilée.

Stiegler, B. (2018). Bernard Stiegler: La technique et le temps. 1. La faute de Prométhée. Fayard.

Tyradellis, D. (2006). *Untiefen: Husserls Begriffsebene zwischen Formalismus und Lebenswelt*. Würzburg.